

Endemia, vacina e chegada ao Brasil: o que se sabe sobre a varíola do macaco

O infectologista Robert Fabian Crespo Rosas, professor de Medicina do Centro Universitário São Camilo – SP, responde às principais perguntas sobre o histórico e a atual transmissão da varíola do macaco, doença que até esta segunda-feira (30) tem dois casos suspeitos no Brasil:

O que difere a varíola do macaco das demais formas da doença, e quando essa infecção começou?

A varíola do macaco apresenta patologia semelhante à varíola humana, do ponto de vista clínico, no seu agente infeccioso. Uma diferença importante é que a varíola humana é muito mais agressiva, enquanto a do macaco é menos transmissível (entre pessoas, pelo menos).

A doença foi identificada pela primeira vez em macacos no ano de 1958 e, posteriormente, o primeiro caso em seres humanos foi identificado em 1970. A partir de então, este vírus tem aparecido em surtos, sendo que o último foi em 2003, numa população de macacos que estava em cativeiro nos Estados Unidos. Algumas pessoas que trabalhavam com estes animais desenvolveram a doença, mas o processo foi rapidamente contido. Não temos hoje evidência de óbito em seres humanos, apenas pequenos surtos.

Essa doença tem potencial para gerar uma pandemia?

Na África, que é o local de origem da doença, é considerada uma doença endêmica em seres humanos. Foram detectados sorotipos do vírus nas regiões ocidental e central do continente africano, sendo que o comportamento das variantes é diferente. Na região ocidental, o sorotipo é mais leve e mata menos, com uma taxa de mortalidade em 1%, enquanto na região central a taxa de mortalidade é de 10%.

As vacinas contra varíola que existem atualmente cobrem essa variação da doença?

Cobrem, sim. Na verdade, o que sabemos é que até 1977, que foi o último ano em que se deu a vacina da varíola humana no Brasil, sabia-se que ela tinha uma taxa de proteção contra a varíola do macaco de até 85%. Mais recentemente, por não terem sido administradas mais vacinas – já que a OMS considerou a varíola humana uma doença erradicada em 1980 – desde então nenhum outro país tem imunizado em grande escala.

Existe o substrato, o “ingrediente” básico guardado em laboratórios dos Estados Unidos e da Europa, mas não há vacina disponível para ser administrada. Em 2019, nesses dois territórios, foram desenvolvidos dois novos tipos de vacinas a partir do princípio ativo inicial, então pelo fato de já estarem prontos, se for o caso, em pouco tempo poderá ser colocada em uso.

Considerando o cenário epidemiológico do Brasil, em meio à pandemia, devemos nos preocupar com a chegada dessa doença ao país?

Não há uma interação entre os vírus da varíola e da Influenza ou Covid, até porque são vírus totalmente diferentes. A problemática para nós na América do Sul, e não somente no Brasil, é o fato de que a mobilidade das pessoas é muito fácil. Em questão de 24 horas você pode se deslocar pelos territórios, então a chegada do vírus é inevitável.

Como a varíola do macaco é transmitida?

Basicamente por contato íntimo ou com secreções como saliva, e pela via respiratória através de gotículas. Tanto que a orientação é que caso o paciente infectado precise ficar internado, deverá ficar sob isolamento combinado para gotículas e para contato.

As formas de prevenção, portanto, são similares às da Covid-19?

Sim. Recomenda-se o uso de máscaras e o distanciamento social. Nesse momento, o mais importante é que as pessoas que estão apresentando os sintomas reportem para o sistema de Saúde.

E quais são os principais sintomas?

Dor de cabeça, febre não muito alta (cerca de 38 graus) e dor articular, por aproximadamente até quatro dias. Depois disso, aparecem as lesões bolhosas na pele.

Mais informações para a imprensa:



Fatima Capucci – (11) 99242-7909

fatima.capucci@ativacomunicacao.com.br

Barbara Câmara – (11) 97631-4790

bcamara@ativacomunicacao.com.br

Christiane Nociti – (11) 98248-9151

cnociti@ativacomunicacao.com.br